

O que é interessante, nos processos movidos contra esses jornalistas ou pasquineiros é, realmente, o fundo do quadro, o assunto proibido, mais do que a forma de tratá-lo. Havia tabus, interdições, coisas vedadas; a linguagem, em si, tinha circulação franca, por mais injuriosa que fosse. Era respondida, pela parte adversa, pela mesma linguagem, quando não pelo atentado pessoal. O governo, a autoridade, intervinha, entretanto, independente da forma como haviam sido apresentadas as idéias, quando estas continham sentido revolucionário, diziam respeito ao que, hoje, se conhece como segurança do Estado, isto é, tocavam de perto à república, à federação, ou mesmo a qualquer reforma que afetasse a estrutura do poder vigente.

Vinham, então, sobre o temerário opositor, todas as fúrias, as armas montadas para garantia do regime imposto. Os processos contra Cipriano Barata, por exemplo, foram processos mais contra o pasquineiro audacioso do que contra o revolucionário prático, envolvido em rebeliões provinciais. Barata permaneceu longos anos nas prisões — envelheceu nelas. Contra Borges da Fonseca foram também armados vários processos, culminando com aquele em que foram julgados os praieiros que haviam apelado para as armas. O próprio chefe de polícia que o interrogou informaria, em documento de alto interesse histórico e político que, no manifesto dos rebelados, “estavam escritos os princípios mais destruidores da monarquia e da ordem social”. O que importava, no caso, era o processo e a prisão do “homem tão perigoso à sociedade” por seus escritos impressos, do que daquele que “tinha o meio de continuar a ofendê-los”, isto é, aos princípios em que repousava a ordem vigente, porque sabia transmitir aos leitores princípios opostos, de forma a ser compreendido e aceito.

A prova de que o estilo pasquineiro era comum à situação e à oposição, premiado ou subsidiado no primeiro caso, perseguido e punido, pode ser encontrada no exame dos periódicos, jornais ou não, e panfletos de José da Silva Lisboa, de um lado, e de Cipriano Barata, de outro lado. A historiografia oficial esforça-se por colocá-los em contraste — uma espécie de contraste entre o Bem e o Mal. Para Silva Lisboa vão todos os seus aplausos; para Barata, todas as suas condenações. Aquele é criatura plena de virtudes, benemérito da pátria, cheio dos melhores serviços, culto, talentoso, idealista; este não passa de atrevido foliculário, agitador inconsequente, perturbando o país com a sua tempestuosa pregação. É necessário, entretanto, situar tais personagens no ambiente em que viveram, para compreender-lhes as ações e concluir de seu merecimento. Mais velho seis anos do que seu adversário e, como ele, de origem mediana senão humilde, Silva Lisboa estudou no Salvador e continuou em Coimbra sua formação, tal